

A “praga” da FlaGay e o “desbunde” *guei* no futebol brasileiroMaurício Rodrigues Pinto¹

102

Resumo: O artigo irá tratar da visibilidade pública das torcidas *gueis* no futebol brasileiro, no final da década de 1970. Essas torcidas surgem junto a outras manifestações culturais e políticas que deram forma ao movimento homossexual brasileiro. Será apresentada a trajetória da Coligay, primeira torcida gay a marcar presença nas arquibancadas de estádios brasileiros, e feita uma análise mais detida da controvérsia em torno da FlaGay, torcida gay do Flamengo, que anunciou a sua estreia em outubro de 1979, mas teve o seu acesso às arquibancadas impedido. Para entender essa mobilização contrária à FlaGay são analisadas reportagens produzidas pelo Jornal dos Sports, principal periódico esportivo do Rio de Janeiro à época, que contribuiu para a construção de uma visão estereotipada da torcida. Como contraponto, são analisados artigos publicados pelo Lâmpião da Esquina, importante jornal da imprensa alternativa, produzido por intelectuais e ativistas do movimento homossexual brasileiro, que se posicionou contrariamente à homofobia no futebol brasileiro.

Palavras-chave: Torcidas gays; Coligay; FlaGay; Jornal dos Sports; Lâmpião da Esquina.

Introdução

No final da década de 1970, em meio ao processo de abertura do regime militar brasileiro – que culminaria com o fim do regime em 1984 e o início de um processo de redemocratização do país – foram criadas brechas no campo futebolístico para uma maior participação de mulheres e de pessoas LGBT. Florenzano (2014) considera esse momento, que denomina de “República do Futebol”, o período mais revolucionário do futebol brasileiro. Para justificar essa afirmação, o autor cita personagens e eventos ligados ao futebol que construíram visibilidade para posicionamentos antiautoritários e democráticos que desafiavam e questionavam as normas então vigentes no futebol brasileiro – caracterizado, à época, por uma utopia da formação de jogadores através de

¹ Graduado em História e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Mudança Social e Participação Política pela Universidade de São Paulo (USP). E-mail: maorodrigues9@gmail.com



mecanismos de disciplinarização influenciados pelo processo de militarização em curso no futebol brasileiro e no país (FLORENZANO, 2014, p. 157) – e, mesmo, o próprio regime político instalado no país desde o golpe militar de 1964.

Nesse período, alguns jogadores obtiveram enorme destaque tanto pela qualidade do futebol que apresentavam como pelas suas posições e atuações políticas. Dentre eles, é possível destacar os corinthianos Sócrates, Wladimir e Casagrande, principais líderes da Democracia Corinthiana². Além disso, o crescimento da prática do futebol feminino em diferentes partes do Brasil ao longo da década de 1970, desafiando a lei nº3199, de 1941 – implementada durante o Estado Novo –, que proibia a prática do futebol pelas mulheres. A maior visibilidade pública do futebol jogado por mulheres contrapunha-se aos discursos hegemônicos que preconizavam a inadequação da prática do futebol para os corpos femininos. Silva (2015), em sua pesquisa sobre as narrativas produzidas pela imprensa paulista acerca do futebol feminino durante o período de vigência do decreto-lei, destaca a equipe de futebol feminino da Associação Desportiva da Polícia Militar (ADPM), que se apresentava como um time de feministas que fez sucesso no circuito do futebol feminino de várzea da cidade de São Paulo no final da década de 1970.

“Feministas”? Elas dizem que sim. Querem levar a luta pela igualdade de direitos entre o homem e a mulher até para dentro dos campos de futebol, provando que bola, calção e chuteiras não devem mais ser um privilégio dos marmanjos. E, ontem, a equipe feminina de futebol da A. D. P. M. (Associação Desportiva Polícia Militar), completou sua trigésima nona partida invicta, ganhando da Portuguesinha da Casa Verde com uma goleada: quinze a zero, em jogo de dois tempos de trinta minutos cada um. [...] A equipe da A.D.P.M. pratica futebol há três anos e seu principal objetivo é obter o reconhecimento do futebol feminino junto aos cartolas da C.B.D. (SILVA, 2015, p. 72).³

² No ano de 1981, o sociólogo Adilson Monteiro Alves foi convidado pelo então presidente do Corinthians, Waldemar Pires, para ser diretor de futebol. Junto com algumas das principais lideranças do elenco corinthiano, como Sócrates, Wladimir e Casagrande, implementou a Democracia Corinthiana (1982-1984) que consistia em um modelo de gestão democrática e participativa, que envolvia atletas, comissão técnica e funcionários na tomada de decisões do clube. Mais do que um rompimento com o modelo de administração dos clubes brasileiros ainda caracterizado pelo autoritarismo e concentração dos poderes nas mãos de dirigentes e comissão técnica, a Democracia Corinthiana representou também um marco político na medida em que também se opunha ao regime político ao qual vivia o país, com as principais lideranças do movimento também participando ativamente das manifestações pelas Diretas Já.

³ Essas feministas de calção e chuteiras. Folha de São Paulo, São Paulo, 15 jan. 1979, Esporte, p. 2; Elas calçam chuteiras. A Gazeta Esportiva, São Paulo, 15 jan. 1979, p. 2.



Em meio a esse momento histórico da “República do Futebol”, caracterizado por transgressões e ativismos políticos no futebol brasileiro, surgiram também as torcidas *gueis*, como a Coligay e a FlaGay, esta última que será o tema principal desse artigo.

As torcidas gays do final da década de 1970 podem ser consideradas como ações pioneiras no que diz respeito à luta pelo direito de torcer empreendida por pessoas e grupos ligados ao movimento LGBT – ainda que naquela época, reunisse majoritariamente homens cisgêneros gays – no futebol brasileiro. Mais recentemente essa resistência à ideia do futebol como um reduto masculino, cisgênero e heterossexual foi encampada por movimentos de torcedorxs que se apresentaram publicamente como torcidas livres e *queer*. Bambi Tricolor, Palmeiras Livre e Galo Queer são algumas dessas comunidades criadas a partir de 2013, que construíram visibilidade para os seus posicionamentos políticos e a manifestação da paixão pelos clubes que torcem fundamentalmente por meio do site de rede social Facebook, reivindicando serem reconhecidos como sujeitos não pela via do enquadramento à masculinidade hegemônica, mas pelo questionamento e desestabilização dessa norma (PINTO, 2017).

Para reconstituir a história da FlaGay, a facção gay do Clube de Regatas do Flamengo, a polêmica em torno do aparecimento da torcida e as iniciativas que visaram impedir o acesso deste grupo de torcedores em um estádio de futebol, foi feito um trabalho de pesquisa do acervo do Jornal dos Sports⁴, à época, o jornal esportivo mais popular do Rio de Janeiro. Utilizando a palavra-chave “FlaGay” em pesquisa no site da Hemeroteca Digital Brasileira, da Biblioteca Nacional⁵, foi possível localizar 32 menções a FlaGay durante a década de 1970, sendo 30 delas no mês de outubro de 1979, quando houve a repercussão em torno da presença da torcida no Maracanã.

As notas e matérias publicadas por este jornal a respeito da FlaGay mostram um esforço para caracterizá-la como um acontecimento que não se adequava ao campo futebolístico, cuja descrição mais se assemelhava à preparação para um desfile de fantasias ou de uma escola de samba do que o de uma torcida que iria à arquibancada

⁴ De acordo com Hollanda (2012, p. 81): “No Rio de Janeiro, o *Jornal dos Sports* surgiu em 1931 como o primeiro diário exclusivo de esportes no Brasil. Seus fundadores foram Argemiro Bulcão e Ozéas Mota, que em 1936 venderam-no para o jornalista Mário Filho. Com o novo proprietário, o jornal construiu uma hegemonia que se estendeu ao longo de cinco décadas. Conhecido popularmente como o *Cor-de-Rosa*, tal jornal definhou ao longo dos anos 1990, perdendo o espaço e a força de outrora”. O *Jornal dos Sports* encerrou as suas atividades em 2010.

⁵ A documentação consultada do *Jornal dos Sports* está disponível para consulta online no site da Hemeroteca Digital, da Biblioteca Nacional: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em 02/03/2017.



para apoiar o time de coração. Esta caracterização caricata da FlaGay contribuiu para a formação de um sentimento de rejeição – expressa por leitores do jornal – e, até mesmo, para um clima de hostilidade à presença da nova torcida no Maracanã.

Em contraposição a essa narrativa, serão analisados também artigos do jornal “O Lampion da Esquina”⁶, uma publicação pioneira na história do movimento LGBT brasileiro. Por meios desses artigos, o “Lampion” se posicionou acerca da polêmica da presença da FlaGay nos estágios, repudiando os atos homofóbicos manifestados pelo campo futebolístico à época.

Para compreender o surgimento e a efervescência causada pela FlaGay, é importante retroceder um pouco e contar a história da Coligay (1977-1983), torcida do Grêmio Foot Ball Porto Alegre (RS), que marcou história por ser a primeira e única torcida gay a marcar presença nas arquibancadas dos estádios brasileiros.

Coligay: o ativismo *guei*⁷ ganha os estádios

“Em acintoso desafio ao machismo gaúcho, foi fundada, no mês passado, em Porto Alegre, uma insólita torcida futebolística, a Coligay, de cujos membros se exige apenas não levar muito a sério a masculinidade” (–“Gente”, Veja, 01/06/1977).

Em 10 de abril de 1977, o time do Grêmio ia à cidade de Santa Cruz do Sul, no interior do Rio Grande do Sul, enfrentar o time local, em partida válida pela fase classificatória do Campeonato Gaúcho. O maior objetivo do time era impedir que o seu arquirrival, o Sport Club Internacional – à época uma das grandes potências futebolísticas do país –, conquistasse o inédito octacampeonato gaúcho, consolidando ainda mais a sua hegemonia dentro do estado do Rio Grande do Sul. A princípio, seria mais uma partida envolvendo um grande time contra um time de menor expressão, mas a cena descrita a seguir mostra que algo diferente aconteceu nas arquibancadas:

⁶ O Lampion da Esquina era “editado no Rio de Janeiro, por jornalistas intelectuais e artistas homossexuais que pretendiam originalmente lidar com a homossexualidade, procurando forjar alianças com as demais “minorias”, ou seja, os negros, as feministas, os índios e os movimentos ecológicos. [...] O jornal certamente foi de grande importância, na medida em que abordava sistematicamente, de forma positiva e não pejorativa, a questão homossexual nos seus aspectos políticos, existenciais e culturais” (FRY; MCRAE, 1985, p. 21). O Lampion circulou de 1978 a 1981, totalizando 37 edições, chegando a ter edições com tiragem de 20 mil exemplares distribuídos por todo o país (SOUZA, 2013, p. 67). O seu acervo digitalizado está disponível em <http://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampion-da-esquina/>.

⁷ Segundo Facchini (2002, p. 80), “na primeira onda do movimento [homossexual brasileiro], o Somos [Grupo de Afirmação Homossexual] e o Lampion [da Esquina] questionavam o uso da palavra ‘gay’, preferindo utilizar ‘bicha’ ou ‘guei’, o faziam com a justificativa de que ‘gay’ era um termo ligado ao movimento norte-americano”.

A turma chegou ao estádio com seis das dezenas de seus integrantes vestindo longas túnicas listradas, as caftãs, perpassadas por filetes azuis pretos e brancos. Cada qual trazia em sua caftã, bem grande, uma das letras da palavra G-R-E-M-I-O, formatadas em ordem para se perfilarem no nome do clube que era a motivação dos rapazes sob a mirada curiosa dos outros torcedores, a maioria perplexa, alguns chocados e boa parte achando tudo aquilo muito divertido (GERCHMANN, 2014, p. 19).

A Coligay é reconhecida como a primeira e única torcida declaradamente gay a ocupar espaços em estádios no futebol profissional no Brasil. A sua existência coincide com o período mais vitorioso da história do Grêmio, entre os anos de 1977 e 1983, marcado pelo fim da hegemonia estadual do Internacional, a finalização da construção do estádio próprio, o Estádio Olímpico, e culminaria com as conquistas da Copa Libertadores da América e do Mundial Interclubes, em 1983.

A torcida nasceu por iniciativa de Volmar Santos, empresário e dono da boate gay Coliseu, situada em Porto Alegre (RS). Na Coliseu, dentre outras atrações, destacavam-se as apresentações e performances artísticas protagonizadas por travestis e transformistas, recebendo não apenas o público gay, mas também os “simpatizantes” e pessoas que apreciavam a vida boêmia de Porto Alegre. Volmar conta o que o motivou a querer criar a torcida e a inspiração para a escolha do nome:

Apesar de tanto trabalho à frente da Coliseu, eu sempre tirava um tempinho para ir ver os jogos do meu clube do coração. [...] Um dia, em uma das partidas, comecei a notar que as torcidas estavam muito desanimadas, no meu modo de ver, e não apoiavam o time como deviam. [...] Fiquei com uma ideia na cabeça, de fundar uma torcida mais animada e totalmente diferente das outras. Um dia, após o término do horário de funcionamento da boate, reuni vários gays frequentadores da Coliseu e lancei a ideia, que foi muito bem aceita para todos. Aí veio o nome de escolha da torcida. Pensei em ColiGrêmio, mas não gostei. Foi então que surgiu a proposta de colocar parte do nome da boate com o público que a frequentava, que era gay. Então resolvemos que a nova torcida seria Coli, de Coliseu, e gay, do público que a frequentava. Ficou, então, Coligay, o que foi aceito por todos (GERCHMANN, 2014, p. 36).

A torcida chamava atenção pelas suas indumentárias – túnicas longas com as cores do tricolor gaúcho (azul, preto e branco) – e por contar com uma banda própria, a “charanga”, que impulsionava os cantos em apoio ao Grêmio, puxados pela torcida ao longo de toda a partida. Dessa forma, a Coligay destacou-se por apresentar uma prática de torcer, conforme as palavras do próprio Volmar, “mais animada”, que buscava se distinguir das então torcidas “oficiais”; já estabelecidas.

O vínculo da torcida com uma casa de espetáculos frequentada por um público predominantemente gay demonstra que o surgimento da Coligay fez parte de um processo mais amplo de constituição de um movimento homossexual brasileiro. Esse processo se caracteriza pela conquista de visibilidade pública desses sujeitos e pela constituição de um cenário cultural e artístico, principalmente no eixo Rio-São Paulo, mas também alcançando outros estados brasileiros, conforme foi destacado em uma reportagem especial feita pela Revista Veja: “E em Porto Alegre, afinal, a singular expansão de estabelecimentos do setor desaguou, recentemente, na criação da Coligay – a torcida declaradamente homossexual do Grêmio Porto-Alegrense, com 150 adeptos” (Veja, 24/08/1977).

Esses ativismos *gueis* passaram a ganhar maior visibilidade em meio a um processo lento de abertura política do regime militar instalado no país desde 1964 – caracterizado pelo autoritarismo e repressão violenta a movimentos oposicionistas, a supressão de direitos políticos e de cidadania e a censura –, com o crescimento de movimentos políticos de contestação à ditadura e a emergência de novas formas de organizações políticas na sociedade brasileira, políticos formados por grupos de minorias da sociedade brasileira, como os movimentos negro, feminista e -homossexual:

Ao invés de identificar apenas um efeito negativo na ditadura militar na possibilidade de organização de um movimento homossexual, é importante, por exemplo, notar o quanto a ditadura estimulou a formação de resistências em diversos setores sociais e como ela pode ter sido, inclusive, responsável pelo perfil fortemente antiautoritário que marcou a “primeira onda” do movimento homossexual brasileiro. Ainda que a “abertura” tenha tido o papel de abrir espaço para que vozes mais ou menos isoladas e abafadas, de vários setores viessem a público, não podemos negar que a ditadura produziu, por assim dizer, boa parte das condições para o “boom” movimentalista que ocorreu no decorrer da década de 70 e pode ter marcado sensivelmente as trajetórias individuais e modos de atuação dos primeiros militantes homossexuais brasileiros (FACCHINNI, 2002, p. 65).

Para Rafael de Souza (2013), além da oposição ao regime militar, o movimento homossexual brasileiro, influenciado pelo discurso da “Liberação Sexual”⁸, buscava também inserir no debate público a situação de “condenação moral e cultural de minorias e identidades coletivas estigmatizadas” (SOUZA, 2013, p. 46). João Silvério

⁸ De acordo com Souza (2013, p. 91), “o enquadramento interpretativo ‘Libertação Sexual’ foi fundamental para interpretar a conjuntura política específica da liberalização do regime militar e conectá-la à experiência de estigmatização sofrida pela comunidade homossexual, já que ambos os termos incluíam em si uma mesma ideia: a de que a superação da subordinação política e social só seria possível pela promoção da liberdade nos mais diversos âmbitos”.

Trevisan, intelectual e ativista gay que foi um dos principais protagonistas deste movimento, descreve o contexto que favoreceu o surgimento do “desbunde” e como essa atitude estava vinculada ao movimento *guei* brasileiro:

Ainda que a contragosto, a cruel ditadura brasileira instaurada a partir de 1964 imprimia um impulso peculiar em certas áreas da vida nacional, nos anos 70. A urgência de uma modernização em ambiente avesso à prática política democrática talvez tenha favorecido, entre os jovens, o surgimento de movimentos de liberalização nem sempre alinhados com orientações ideológicas precisas. Daí porque uma das palavras-chave do período foi o “desbunde” ou “desbum”. Alguém desbundava justamente quando mandava às favas – sob aparência frequente de irresponsabilidade – os compromissos com a direita e a esquerda militarizadas da época, para mergulhar numa liberação individual, baseada na solidariedade não-partidária e muitas vezes associada ao consumo de drogas ou à homossexualidade... (TREVISAN, 2000, p. 284).

Após a sua constituição, a torcida passou a contar com apoio material e de recursos do movimento gay de Porto Alegre e de pessoas simpatizantes que também passaram a se juntar às fileiras da Coligay, acompanhando o Grêmio onde ele estivesse. O jornal gaúcho Zero Hora, em outubro de 1977, dedicou uma reportagem de página inteira à Coligay. Entrevistado na ocasião, Volmar explicou como se dava a mobilização e o apoio financeiro que possibilitou o crescimento da torcida:

O grupo tem muita estabilidade: “Somos sustentados pelo Movimento gay de Porto Alegre [...] e organizamos jantares beneficentes, temos um livro de ouro e assim conseguimos o dinheiro necessário”. O patrimônio da Coligay está cada vez maior: elas têm uma Kombi, já investiram muito dinheiro na charanga e nas túnicas que servem de uniforme. “Mas agora a camionete (sic) ficou muito pequena para nós. Vamos de ônibus alugado para o interior. Mas talvez a gente compre um microônibus (sic) para o grupo” (GERCHMANN, 2014, p. 97).

Mesmo apresentando uma performance de torcer considerada mais “animada”, a torcida se caracterizava por uma “vibração ordeira” (GERCHMANN, 2014, p. 120). A exaltação do comportamento “irrepreensível” da Coligay, presente na narrativa do livro de Gerchmann, dá a entender que esse foi um dos fatores que contribuiu para a aceitação da torcida. Tal fato é ratificado na reportagem feita pela revista Placar. Um dos convidados a opinar sobre a Coligay é Teotásio Pielewski, apresentado como chefe do setor de meretrício e vadiagem da Delegacia de Costumes. Ao mesmo tempo em que destaca o comportamento não violento dos integrantes e ressalta que nada há de ilegal na presença de uma torcida gay nos estádios, a sua fala indica que a nova torcida vivia sob

o controle e a vigilância policial, comum às pessoas que são colocadas sob suspeita pela norma hegemônica: “Estamos de olho nos rapazes e até agora não notamos nenhuma atitude inconveniente. Se algum provocar os outros torcedores, será retirado. Só isso. Nem a faixa que os identifica como homossexuais é ilegal” (Placar, 27/05/1977).

Ainda assim, é inegável que a ocupação das arquibancadas de estádios brasileiros por parte da Coligay pode ser considerada um marco no sentido que rompeu com um espaço de sociabilidade tido como exclusivo do homem cisgênero e heterossexual. Mesmo não se considerando “um movimento de vanguarda gay” (GERCHMANN, 2014, p. 97), Volmar Santos tinha ciência de que a Coligay, com o seu entusiasmo e devoção ao Grêmio, estava rompendo preconceitos. Além de mostrar que gays poderiam gostar e fazer parte do contexto futebolístico, havia também a consciência de que estava em jogo a conquista de mais um espaço de visibilidade pública de corpos e subjetividades consideradas dissonantes, abjetas: “Pela primeira vez num Estado machista como o nosso, os homossexuais se manifestam em público. Não é pouca coisa, não? Às vezes, chego a ficar assustado. Mas, pelo que se viu, Porto Alegre está madura para nos aceitar”⁹.

A Coligay encerrou as suas atividades em 1983. A torcida inspirou articulações para a constituição de outras torcidas gays ainda no final da década de 1970, porém não há registros de torcidas que tenham conseguido marcar presença nos estádios, principalmente porque todas enfrentaram resistências e rejeição à sua presença nas arquibancadas, conforme será visto no caso da FlaGay.

A aceitação da Coligay naquele momento histórico pode ser entendida a partir do relato extraído da reportagem já citada, do jornal “Zero Hora”. Para o sociólogo convidado a opinar, dado o inusitado e o ineditismo da iniciativa, houve uma “não racionalização da aceitação à Coligay” e, combinada a ela, o fato de a torcida ter ganhado o status de “pé-quente”, em razão do seu surgimento em um período vitorioso da história do clube:

O que aconteceu – segundo o sociólogo André Foster, analisando o grupo – é que as pessoas não racionalizaram a sua aceitação à Coligay. Simplesmente eles descobriram que aquele grupo era mais um interessado em que o Grêmio fosse campeão. Descobriram que eles estavam ali para incentivar o time, como todos os outros. Além disto, eram simpáticos e então foram aceitos. Não

⁹ Fala de Volmar Santos presente na reportagem “Para o que der e vier”. Revista Placar, nº 370, 27/05/1977.



como uma classe, e sim como um grupo de apoio ao Grêmio. A sorte é que o clube venceu e eles conservam uma imagem simpática. Se o Grêmio perdesse, eles seriam linchados (Zero Hora, 02/10/1977, p.50).

É possível afirmar que a Coligay assim como a primeira onda do movimento homossexual brasileiro da qual fez parte – que coincidentemente também se encerrou em 1983 – tiveram grande importância histórica e deixaram enorme legado para a comunidade LGBT:

É inegável a eficácia dos grupos homossexuais em vários sentidos. Talvez a principal tenha sido a construção de sociabilidades unindo (e também promovendo) um novo tipo de homossexual que não é dominado por sentimentos de culpa e não se considera doente ou anormal. Mesmo depois de cessadas as atividades declaradamente ‘militantes’, essas redes têm sobrevivido e sido, em muitos casos, cruciais na história de vida dos seus participantes, influenciando na sua escolha de moradia, de emprego, de atividade de lazer e de opção política (MACRAE, 1985, p. 465).

A torcida é reconhecida como parte da história oficial do clube, tendo sido recentemente incluída no Museu do Grêmio, aberto ao público em dezembro de 2015. Na exposição sobre os mais de 100 anos de história do clube, há um painel dedicado a Coligay, no qual é destacado a coragem da torcida, que “vestindo figurino extravagante e ousado” e carregando as cores do Tricolor Gaúcho, “encarou a ditadura e tomou para si o desafio de reerguer o moral do clube”.

As disputas narrativas em torno da FlaGay: a resistência à homofobia no campo futebolístico

No mês de outubro de 1979, o Clube de Regatas Flamengo, time de maior torcida do país, entrava na fase final do Campeonato Carioca na condição de franco favorito para a conquista do tricampeonato estadual. Aquele time, liderado pelos craques Zico e Júnior, tornou-se uma das equipes mais vencedoras da história do futebol brasileiro. Paralelamente à expectativa de mais uma conquista do rubro-negro, um evento extracampo ganhou destaque no noticiário esportivo carioca. Era o surgimento da FlaGay, facção gay da torcida do Flamengo, que estava preparando a sua estreia oficial no Maracanã¹⁰, o principal palco do futebol brasileiro, em um dos clássicos mais populares do país: o Fla-Flu, que reúne o Flamengo e o Fluminense Football Club (RJ).

¹⁰ O Estádio Mário Filho, popularmente conhecido como Maracanã, foi inaugurado em 1950, para ser o estádio que abrigaria o jogo de abertura e a final da Copa do Mundo de 1950, que foi realizada no Brasil.



A primeira menção à Fla-Gay feita pelo Jornal dos Sports é de 1977, dois anos antes do que seria a estreia da torcida nos estádios e ano em que surgiu a Coligay, em Porto Alegre. No dia 26 de setembro de 1977, o periódico publicava reportagem intitulada “Evandro fala em Fla-Gay. Calçada só quer o título”. Um dos personagens principais da matéria é o costureiro e também carnavalesco Evandro de Castro Lima – à época um dos principais rivais de Clóvis Bornay nos desfiles de fantasias¹¹. Sendo acompanhado pela reportagem em uma ida ao Estádio Mário Filho, Evandro, aproveitando do ensejo e da popularidade alcançada pela Coligay, anunciava que uma nova torcida rubro-negra estava “em vias de surgir no cenário esportivo”:

Falo da Fla-Gay, que até o Márcio Braga (então presidente do Flamengo) apoia. Ele diz que vai ser uma beleza quando a Fla-Gay aparecer no Mário Filho. Só tem uma coisa: ela não vai ficar espremida na arquibancada. Ficará por aqui, nas cadeiras. Vai ser um barato. Eu vou me incorporar¹².

Dois anos depois, durante o mês de outubro de 1979, uma série de reportagens, entrevistas, notas em colunas e até cartas enviadas por leitores fazem referência à torcida gay do Flamengo e da expectativa em relação aos seus preparativos para estreiar oficialmente nos estádios cariocas. A primeira matéria a anunciar a criação da FlaGay foi publicada em 07/10/1979. A reportagem tratava dos preparativos da torcida para a sua estreia oficial e destacava a participação de duas personalidades: o jornalista e radialista Pedro Paradela¹³, apresentado como o líder da torcida, e o famoso carnavalesco Clóvis Bornay¹⁴, aclamado “padrinho da torcida” e que seria também o


No jogo final, em que o Brasil perdeu o título da Copa para a seleção do Uruguai pelo placar de 2 a 1, o estádio registrou o público recorde de 199.854 torcedores presentes (173.850 pagantes).

¹¹ Sobre a rivalidade de Evandro de Castro Lima com Clóvis Bornay nos desfiles de fantasia, ver a reportagem “O luxo dos concursos de fantasia”. Disponível em: <http://diarionordeste.verdesmares.com.br/suplementos/gente/o-luxo-dos-concursos-de-fantasia-1.816952>. Acesso em 28/07/2017.

¹² “Evandro fala em Fla-Gay. Calçada só quer o título”. Jornal dos Sports, edição n°14582, 26/09/1977, p. 5.

¹³ Sobre Pedro Paradela há poucas informações disponíveis a seu respeito. As menções a ele são esparsas, como, por exemplo, uma foto em que aparece junto de João Saldanha, famoso comentarista e ex-técnico da Seleção Brasileira, e integrantes da equipe esportiva da Rádio Nacional. A foto é identificada como de 1969. Ver o artigo intitulado “25 Anos sem João Saldanha”, no site da Associação de Cronistas Esportivos do Rio de Janeiro (ACERJ). Disponível em: <http://www.acerj.com.br/25-anos-sem-joao-saldanha/>. Acesso em 24/08/2017.

¹⁴ Clóvis Bornay (1916-2005) museólogo de profissão, tornou-se mais conhecido pela sua ligação com o carnaval. Foi idealizador do Baile de Gala do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, criado em 1937. Carnavalesco e idealizador de fantasias de gala, tornando-se *hour concours* dos bailes de fantasia que compunham o calendário carnavalesco.



responsável por cuidar do figurino dos seus integrantes. Para a estreia, prometiam “incentivo ao Mengão”, “dando um show de plumas e paetês”:

Dirigidos pelo radialista Pedro Paradela e tendo como figurinista o campeoníssimo Clóvis Bornay, a torcida do Flamengo vai lançar nova facção, domingo, no Fla-Flu. Trata-se da FlaGay, que promete deslumbrar no Estádio Mário Filho, com plumas e paetês. Paradela, líder da nova facção, falou ao JORNAL DOS SPORTS:

- É preciso acabar com esse negócio de que o Flamengo é machão latino-americano. Flamengo é povo, é tudo. Portanto, me sinto honrado em ser o presidente de uma facção da torcida tão importante como será a FlaGay. Vamos fechar no Maracanã, dando um show de plumas e paetês, naturalmente, sempre incentivando o Mengão. [...] É lógico que não vamos para o Maracanã com as fantasias luxuosas e maravilhosas que ele (Bornay) costuma nos concursos de carnaval. Mas iremos dentro do que pode se chamar de originalidade, com o que há de melhor e mais bonito no Brasil (Jornal dos Sports, 07/10/1979, p. 7).

112

A mesma reportagem destacava o fato de Clóvis Bornay ser reconhecido, até então, como torcedor do Botafogo Futebol e Regatas (RJ), clube rival do Flamengo. Segundo Pedro Paradela, Bornay estava se juntando a FlaGay porque “o Flamengo é o time da moda e ele só poderia mudar para ser Flamengo”.

A ênfase no caráter festivo e de espetáculo atribuído à presença da FlaGay sugere que a cobertura do Jornal dos Sports não dava a devida credibilidade à torcida, dificultando que esta fosse reconhecida e legitimada como uma torcida organizada pelo campo futebolístico, como aconteceu com a Coligay. A presença de um “vira-casaca¹⁵” como um dos padrinhos da torcida pode ser considerada mais um fator que contribuiu para a rejeição à existência pública da torcida gay do Flamengo. Damo (1998) reflete sobre o que envolve engajar-se e torcer para um time de futebol, representando, para muitas pessoas, uma escolha definitiva:

À exceção de uns poucos que lhe são indiferentes, quem gosta de futebol não apenas aprecia sua prática ou fruição senão que o faz a partir de um referencial, o “clube do coração”. Trata-se de uma “máscara” que resulta, como sugere o poeta Drummond, “da necessidade de optar” e, ainda que não esteja muito claro por que esta necessidade se impõe, sabe-se, contudo, tratar-se de uma “profissão de fé”; a opção é para sempre (DAMO, 1998, p. 8).

As narrativas construídas pelo Jornal dos Sports sobre o que seria a estreia de uma nova facção do Flamengo nas arquibancadas do Maracanã acabaram contribuindo

¹⁵ De acordo com o dicionário Aulete digital, “vira-casaca” significa: “Pessoa que troca de convicção, time, partido político ou qualquer outro traço de identificação a um grupo por mera conveniência pessoal”. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/vira-casaca>. Acesso em 23/10/2017.

para reforçar a imagem da FlaGay como um evento extrafutebolístico, como se vê em uma nota da coluna “Bola no Chão”, que mais parece descrever a entrada de uma escola de samba, com o Maracanã servindo de passarela para o desfile:

ALEGORIAS – A torcida FlaGay, que será devidamente inaugurada domingo, por ocasião do Fla-Flu, pretende balançar as estruturas e fechar com um desfile de fazer inveja às chamadas grandes sociedades. A FlaGay surgirá no Estádio Mário Filho com três belíssimos carros alegóricos bolados pelo bravo Clóvis Bornay (Jornal dos Sports, 12/10/1979, p.5).

Partindo de uma concepção hegemônica de que o futebol e o público que o consome seria formado por um universo de homens cisgêneros heterossexuais, fica mais fácil de compreender que o jornal tratasse como exótica a iniciativa de uma torcida gay ir ao Maracanã. Ao referir-se à FlaGay e aos seus integrantes, muito pouco é falado do apoio da torcida ao time ou do quanto esses torcedores eram apaixonados pelo Flamengo, noções imbricadas à identidade torcedora. Nas narrativas feitas pelo Jornal dos Sports sobre a FlaGay é possível perceber um tom caricato – o que contribuía para reforçar estereótipos da população homossexual e da sua relação com o futebol.

Márcio Braga, então presidente do Flamengo, e apontado na reportagem de 1977 como um dos possíveis aliados da nova torcida, revelou-se um dos mais ferrenhos opositores da torcida. A capa do Jornal dos Sports no dia anterior à realização da partida, em 13/10/1979¹⁶, destaca o pedido de Márcio Braga ao Batalhão da Polícia Militar do Rio de Janeiro para que fosse proibida a entrada da FlaGay no Maracanã. Outra reportagem na mesma edição mostra o presidente do clube mobilizando grupos de torcedores e a Polícia Militar, para manifestar a sua rejeição à possibilidade de compartilhar a identidade torcedora com a FlaGay:

O presidente do Flamengo, Márcio Braga, esteve reunido com o comandante do 6º Batalhão da Polícia Militar, ocasião em que pediu que as várias torcidas do Flamengo sejam protegidas do mal que representa a FlaGay. O dirigente explicou que “as minorias não podem se misturar à torcida” e que é a favor das facções formadas por homens de mente e corpo são, o que não acontece com os que pretendem formar a FlaGay. Procurado por vários líderes de torcida do Flamengo, Márcio Braga se viu obrigado a comunicar a posição do clube [...]. Juridicamente, não existe nada que impeça a sua criação, mas Márcio Braga adiantou que essa facção não será aprovada pelo Conselho Diretor do Clube. [...]

- Todas as torcidas que o Flamengo possui no momento são aprovadas pelo Conselho Diretor. Os representantes e líderes recebem inclusive carteira do clube dando permissão para que funcionem. [...] Isso não ocorrerá com a

¹⁶ “Márcio apoia a galera contra a FlaGay”. Jornal dos Sports, edição nº13516, 13/10/1979, capa.

FlaGay. É uma torcida que não é bem aceita pelo Flamengo e não será, portanto, aprovada pelo Conselho Diretor. Fui procurado por vários líderes de torcida que se mostram contrários à nova facção (Jornal dos Sports, 13/10/1979, p.5).

Ao dizer que “as minorias não podem se misturar à torcida”, além de incitar a violência, o presidente rubro-negro recorre à homofobia, no esforço de “desumanizar o outro, em torná-lo inexoravelmente diferente” (BORRILLO, 2010, p. 35), caracterizando os integrantes da FlaGay como seres abjetos e indesejáveis.

O tom festivo inicialmente adotado pelo Jornal dos Sports acerca da estreia da torcida no Maracanã passa a dar lugar a notícias que revelam mais explicitamente a rejeição à FlaGay. No espaço destinado às cartas enviadas pelos leitores ao jornal, uma leitora com o nome Elizabeth expressava a sua revolta com o fato de uma torcida gay apresentar-se como torcida do Flamengo, conclamando os “machões”, os “verdadeiros” torcedores do Flamengo, para uma luta “anti FlaGay”:

É uma vergonha o que estão tentando fazer. Formar uma torcida, só que não é uma torcida como as que o Mengão merece, essa espécie de gente nunca poderia torcer pelo “MAIS QUERIDO”, o lugar deles é na torcida do Fluminense e Vasco, mas não na nossa querida GALERA. [...] Onde já se viu, FlaGay, parece até piada, contando ninguém acredita, pensa que coisa do outro mundo e é muito ridículo, inaceitável, coisa de palhaço. Eles em vez de ficarem em casa, fazendo as fantasias para os concursos de carnaval, fiquem com suas plumas e brocados, não venham torrar o saco de quem está numa boa, quieto, sem amolar ninguém. [...] Toda facção que nasce no Flamengo é bem recebida, menos esse projeto de torcida, isso até micróbio de torcida (sic). Pra ser FLAMENGO tem que ser machão, não gente degenerada como essas. [...] Faça um grande apelo às outras facções, que ajudem a combater essa peste, isto pode contaminar, nessa luta antiFlaGay (sic) (Jornal dos Sports, 14/10/1979, p. 2).

Tanto na fala de Márcio Braga como na carta enviada pela leitora, a rejeição à torcida faz também referência à ideia da homossexualidade como uma doença, como na sugestão de que os integrantes da FlaGay não eram homens “formados por mente e corpo sãos” e que representavam uma “peste” que poderia “contaminar” a torcida do Flamengo. De acordo com Fry e McRae (1985), os discursos que tratavam a homossexualidade como uma questão médica, uma doença passível de ser curada, começam a ser produzidos no Brasil no início do século XX¹⁷, por influência do saber médico:

¹⁷ Em 17 de maio de 1990, a Organização Mundial da Saúde (OMS) retirou a homossexualidade da sua lista internacional de doenças mentais em uma Assembleia Geral. Até então, a homossexualidade era tratada como doença e em alguns países, existia “tratamento”. A data é considerada um marco e

Aqui no Brasil, o médico carioca Pires de Almeida, em 1906, escreve o seu livro *Homossexualismo (A Libertinagem no Rio de Janeiro)*: “Mais que todos os seres, o homem, pelas suas paixões e por seus instintos libidinosos, corrompe e arruína a própria saúde, destruindo as fontes de vida.” Daí em diante, são os médicos que vão reivindicar a sua autoridade de falar a verdade sobre a sexualidade e são eles os agentes da gradual transformação da homossexualidade de “crime”, “sem vergonhice” e “pecado” para “doença”, ao longo dos anos que se seguem. O crime merece punição, a doença exige a “cura” e a “correção” (FRY; MCRAE, 1985, p. 61).

No dia do jogo, a edição do *Jornal dos Sports* dá ênfase à hostilidade e tensão que havia em relação à possível presença da FlaGay no clássico. Uma nota repercute que a maior parte dos torcedores rubro-negros não admitia dividir a arquibancada e compartilhar a torcida pelo time com uma facção “refrigerada”, anunciando a possibilidade de integrantes da FlaGay, caso aparessem no estádio, serem expulsos “na base do tapa” (*Jornal dos Sports*, 14/10/1979, p. 5).

Na notícia intitulada “FlaGay é problema social”, o então dirigente do Flamengo, Walter Oaquim, demonstrava a sua contrariedade em relação à torcida. Em um contexto histórico de regime militar e ainda de forte controle de manifestações políticas, o dirigente nega o reconhecimento do direito de existência da FlaGay, dizendo que não caberia ao Flamengo abrigar o que considera uma “enfermidade social”, assim como não aceitaria que o time fosse usado como plataforma para pautas políticas:

Tanto a FlaGay, como a Fla-Lésbicas, têm que ser encarada (sic) como problemas sociais. Portanto, a torcida do Flamengo não deve participar do esquema da violência. O Flamengo não vai abrigar a facção Gay, lésbica, machão, o MDB ou o ARENA. [...] Trata-se de uma enfermidade social e o Flamengo não vai abrigar esse tipo de coisa, mas de antemão posso afirmar que sou contra a violência anunciada contra essa facção. (*Jornal dos Sports*, 14/10/1979, p. 5)

O Flamengo foi derrotado no clássico de forma contundente pelo Fluminense por três a zero. A edição do dia seguinte do *Jornal dos Sports* estampou na capa a seguinte manchete: “Márcio: Foi praga da FlaGay”. O tom adotado na capa é reforçado pelo título da matéria que apresenta relatos e opiniões de personagens do jogo: “Márcio: Isto só pode ser praga da FlaGay”. Efetivamente, a única fala que faz referência a FlaGay foi feita justamente pelo presidente do Flamengo, segundo o jornal, em tom de “gozação”.

atualmente comemora-se o Dia Internacional contra a Homofobia. Cinco anos antes, em 1985, o Conselho Federal de Psicologia (CFP) brasileiro já havia deixado de classificar a homossexualidade como desvio sexual.

Por mais que as reportagens da edição trouxessem análises e opiniões sobre a partida e destacassem a superioridade do adversário, o Jornal dos Sports optou por adotar em sua manchete de capa, um tom mais sensacionalista, dando visibilidade à ideia de que a derrota rubro-negra estava relacionada à (má) influência da FlaGay:

Embora fosse visível seu aborrecimento com a atuação do time e consequentemente com a derrota para o Fluminense, o presidente Márcio Braga preferiu encarar o problema na gozação, afirmando que o principal motivo da derrota do Flamengo foi a 'praga' rogada pela FlaGay, facção da torcida do Flamengo que o clube colocou-se radicalmente contra a sua criação. "Foi praga da FlaGay. Só pode ter sido. O Pintinho fez um gol de cabeça. Os outros foram do Cristóvão e Rubem Galaxe. Isso só pode ser praga da FlaGay. Ou será que existe outra explicação?" (Jornal dos Sports, 15/10/1979, p. 5)

Considerando que às vésperas do clássico foi dado amplo destaque à possível presença da FlaGay no Maracanã, é significativo que a cobertura do jogo feita pelo Jornal dos Sports se omita em relação a uma tentativa (ou não) de presença de integrantes da torcida no Maracanã. O mesmo ocorre nas edições dos dias seguintes à partida.

Em 28/10/1978, o Flamengo sagrava-se tricampeão carioca ao derrotar o Vasco da Gama pelo placar de três a dois. Após a conquista, o assunto FlaGay parecia já ser dado como esgotado pelo Jornal dos Sports. Uma última menção à torcida no ano de 1979 foi feita por um leitor que enviou carta para a coluna Bate-Bola. Curiosamente, trata-se de uma opinião favorável à torcida, apesar do leitor enfatizar que não gosta "desse negócio de homem com homem":

Muitos são os destaques do nosso tão mau [sic] organizado futebol [...]. Mas a maior decepção foi, sem dúvidas, a desunião das facções rubro-negras. Com a criação da FlaGay, houve quase uma evolução entre as torcidas organizadas. Ora, então, não é válido a criação de uma nova torcida e de um novo incentivo para reforçar ainda mais a camisa 12, que é a torcida? Eu, realmente, fico muito triste de ler no jornal a declaração do Márcio Braga ao declarar que não deixaria oficializar a mesma e que preferia que ela não fosse ao Maracanã. O motivo seria eles serem homossexuais ou emplumados? [...] Eu, no meu íntimo, não gosto desse negócio de homem com homem, mas cada um escolhe o seu caminho e ninguém tem o direito de se esquentar_ (Jornal dos Sports, 02/11/1979, p.2)

Um contraponto interessante à cobertura feita pelo Jornal dos Sports sobre a FlaGay, foi trazido pelo jornal Lampião da Esquina, importante veículo da imprensa alternativa vinculado ao movimento homossexual brasileiro. Fundado no Rio de Janeiro,



em 1978, “por um grupo de intelectuais, jornalistas e artistas envolvidos no gesto de saída do gueto homossexual carioca e paulistano a fim confrontar os padrões culturais vigentes de estigmatização das sexualidades minoritárias” (SOUZA, 2013, p. 67).

Em sua edição de novembro de 1979, o jornal dedicou dois artigos à polêmica em torno da FlaGay. Sob o título de “Os *gueis* do Flamengo e a bixórdia do Sr. Braga”. Cada um dos artigos, escritos como se fossem cartas endereçadas ao presidente do Flamengo, fazia críticas não só à postura homofóbica de Braga, mas também ao machismo no futebol e à cobertura sensacionalista feita pela imprensa esportiva, na qual pode ser incluída a feita pelo Jornal dos Sports.

Em “Os *gueis* do Flamengo e a bixórdia do Sr. Braga - 1) Uma carta aberta...”, o autor, Antônio Chrysóstomo, um dos fundadores do Lampion da Esquina, apresenta-se como integrante de um grupo de rubro-negros notáveis que deu sustentação à campanha de Márcio Braga para assumir a presidência do Flamengo. O autor mostra a sua decepção com a postura de Braga ao se opor à presença da FlaGay no Maracanã:

Para nós, flamenguistas, tudo corria bem: Flamengo bicampeão era prazer que há muitos anos a gente não experimentava. Mas eis que numa das manhãs desse mês de outubro me liga a colega jornalista Maria Helena Malta, da “Isto é” e “Jornal da República”, com a notícia de que o sr. teria proibido a entrada no Maracanã de uma recém-formada FlaGay, uma curtição da moçada *guei* rubro-negra que, à semelhança da Coli-Gay do Grêmio, de Porto Alegre, pretendia colorir e movimentar um pouco mais a torcida do nosso Mengo. No princípio não acreditei. [...] Segui o noticiário da imprensa e – por incrível que pareça – era verdade sim. O sr. estava mesmo contra a inocente ou folclórica ou desfrutável - dependendo do ângulo que se olhe - tentativa da rapaziada de entrar organizadamente no Maracanã adentro, sem, para isso, ter de esconder as suas preferências sexuais. (Lampion da Esquina, novembro de 1979, p.9)

Em dado momento da carta, fazendo referência à frase estampada pelo Jornal dos Sports para justificar a derrota diante do rival Fluminense “Foi praga da FlaGay”, o autor responde comentários homofóbicos feitos por Braga. Chrysóstomo afirma-se flamenguista e declara que foi atleta do clube. Dessa forma, além de apresentar uma prova de que era possível ser homossexual e torcedor do rubro-negro, o autor visava também desconstruir a ideia de que a homossexualidade seria uma doença ao enfatizar que fala da posição de um desportista:

No dia seguinte, ao ler o “Jornal dos Sports” dei de cara com uma declaração engraçadíssima do sr.: “Foi praga da Fla-Gay. Só pode ter sido. Ou será que existe outra explicação?”. Ocorre doutor Márcio Braga, que uma eventual praga, seja de hétero ou de homossexual, não tem também tanta força assim -

e isso o senhor sabe, pois estava brincando – segundo o jornal – ao confeccionar tal frase de efeito (de péssimo efeito, por sinal será que até o charme e a inteligência o sr. está perdendo? Já pensou que essa frase é boba, sem nenhum outro significado além de fornecer manchete, aos jornais?). Soube também que o sr. afirmou, num grupo de amigos, que mens *sana in corpore in sano* – aquele chavão lema de alguns desportistas – é incompatível com o homossexualismo, pois "homossexual não tem nem mente nem corpo são" (outra bobagem, doutor Márcio, outra bobagem! O sr. sabe - e eu sei que o senhor sabe - que na prática o corpo e a cuca dos homossexuais são iguais ao de qualquer outra pessoa). Depois, na “Última Hora”, li outra afirmativa sua: a FlaGay seria “uma ofensa aos bons costumes da sociedade” e que “ao Flamengo estamos acostumados a fazer homens”. Pois foi um homem, doutor Márcio, dotado de pernas, tronco membros (Todos bastante rijos e treinados, membros de atleta) que deu, em 1955, pelo menos uma vitória, no campeonato carioca de natação, ao Clube de Regatas do Flamengo: esse homem sou eu, e o fato de ter sido nadador do Flamengo e membro-fundador do Dragão Negro não me incompatibilizou para o trabalho no Jornal LAMPIÃO. Com essa o sr. não contava, não é? no Dragão Negro, grupchoque que o ajudou a eleger-se, havia também homossexuais! (Lampião da Esquina, novembro de 1979 p.9)

Chrysóstomo, usando de termos nos quais manifesta o entendimento do que representa a paixão e a torcida pelo time do coração, conclui a carta dando um conselho a Márcio Braga: que permita o acesso da FlaGay ao Maracanã, para que esta também possa incentivar o Flamengo nas “vitórias ou derrotas”, já que todos partilhavam de um mesmo sentimento, “o amor pelo clube”.

Já em “Os *gueis* do Flamengo e a bixórdia do Sr. Braga - 2)... E alguns conselhos”, texto assinado por A.P.¹⁸, as críticas a Márcio Braga e ao universo machista e homofóbico do futebol são elevadas. A própria FlaGay tem a sua credibilidade questionada, uma vez que nela estavam envolvidas figuras consideradas “oportunistas”, com pouca ou nenhuma ligação com o Flamengo e sua torcida: no caso, o jornalista Pedro Paradela e o carnavalesco (e “vira-casaca”) Clóvis Bornay, que, segundo Pinheiro, pareciam mais estar interessados em sair de uma condição de ostracismo. O autor também analisa o papel dos jornais esportivos “sempre abertos a essas baboseiras” e que teriam dado espaço a uma ação de oportunistas, sugerindo que não se tratava de uma ação organizada realmente por torcedores flamenguistas:

Uma oportunidade perdida. Lamentavelmente. Suas imprecisões [de Márcio Braga], dirigidas contra um grupo de aproveitadores, a bem da verdade, não deveria [sic] ter sido dirigidas aos homossexuais. Nenhum homossexual tem culpa de o senhor Paradela resolver criar uma torcida só de gays, a FlaGay. Tudo começou há cerca de um mês. Paradela, conhecido jornalista - menos pelas suas matérias, todas de muito mau gosto, do que por alguns atos que lhe

¹⁸ Possível referência ao jornalista Alceste Pinheiro, integrante da equipe do Lampião da Esquina.

valeram um eterno desemprego, resolveu sair do anonimato e montar a FlaGay. Foi para os jornais, sempre abertos a essas baboseiras, e começou a conclamar os homossexuais a formar uma torcida exclusiva. Falou de Bomay, que seria o figurinista. O famoso manequim carnavalesco aceitou na hora, posto que o Municipal acabou e o anonimato também lhe bateu à porta. Nisso tudo só o salvou o fato de ser gay, porque torcedor mesmo ele é do Botafogo. (Lampião da Esquina, novembro de 1979, p. 9)

As críticas mais contundentes, no entanto, são dirigidas ao destinatário da carta, por conta de suas declarações homofóbicas. Segundo o autor, Márcio Braga ignora (ou prefere ignorar) o fato de que “em seu próprio clube, circulam muitos veados” e que o seu posicionamento prejudicava também torcedores gays não oportunistas, que se organizavam dentro de uma das torcidas organizadas reconhecidas pelo time, a Flamor, para a formação de uma ala gay na qual poderiam “mostrar a sua própria identidade de torcedor”:

Pinheiro lamenta a homofobia do dirigente rubro-negro e compara a sua postura com declarações feitas por rivais, como o ex-presidente do Fluminense, Francisco Horta, que disse à época ser favorável à existência de uma torcida gay do time das Laranjeiras:

Deveria olhar a diferença entre si mesmo e os dirigentes do Botafogo, ou o ex-presidente do Fluminense, Francisco Horta, que disse:

– Eu sou a favor. Sou contra a qualquer discriminação. Delirei com o Dzi Croquetes. Se vou a uma exposição desconheço se o pintor é homossexual. Isso não me interessa. Acho que todos têm o direito de torcer como quiser e, tenho certeza, isso contribuiria muito para a beleza do espetáculo. Pena que o Márcio Braga não tenha percebido isso.

E Horta, uma triste ausência no esporte nacional, é um juiz de Direito. [...] Aprenda, seu Braga (Lampião da Esquina, novembro de 1979, p.9).

Pelos dois artigos, vê-se que há uma preocupação de se enfatizar que os gays já fazem parte do contexto do futebol (seja na condição de atleta, torcedor e, mesmo, de dirigente), apesar de um esforço por parte do campo futebolístico em invisibilizá-los ou mantê-los na condição de “enrustidos”. Esse tom de crítica é próprio da imprensa alternativa brasileira da época e, mais especificamente, da linha editorial do Lampião, que propõe um rompimento com a narrativa da permanência do homossexual “dentro dos armários” e a subversão da ideia de que os *gueis* deveriam viver em guetos. “O ‘sair do gueto’ compreende, nesse sentido, um esforço sistemático, ao nível das práticas e dos discursos mesmo, de desvincular-se ou de combater o estigma inscrito nos corpos e trejeitos dos diversos tipos de ‘pederastas’” (SOUZA, 2013, p. 75).

Mesmo não tendo conseguido demarcar seu espaço nas arquibancadas dos estádios, a FlaGay, apesar da sua curta existência, conseguiu fazer história ao suscitar debates e questionamentos ao machismo e à homofobia que são características das performances hegemônicas de se fazer parte do campo futebolístico.

Dessa forma, cumpriu uma profecia presente em um texto do Jornal dos Sports: “E, o que é pior, liberando ou não esta facção, já ficou o estigma, a marca: Torcida FlaGay...”¹⁹. Prova disso, além das provocações de adversários, foram as tentativas de se “recriar” a FlaGay. Uma delas, em meados da década de 1990, teria chegado a reunir 100 torcedores, que marcavam presença nas arquibancadas²⁰.

Conclusão

A FlaGay assim como a Coligay, torcidas *gueis* que surgiram no final da década de 1970, podem ser consideradas iniciativas pioneiras no que diz respeito ao desafio à ideia de que o futebol no Brasil é um “jogo pra machos”, propondo a desestabilização da ideia do futebol como um reduto exclusivo do homem cisgênero heterossexual.

A controvérsia em torno da proibição da entrada de integrantes da FlaGay no Maracanã e a homofobia do campo futebolístico fizeram também do futebol uma pauta de interesse do movimento homossexual brasileiro que também se constituiu nos fins da década de 1970. Naquele momento, o Lâmpião da Esquina, principal veículo de imprensa *guei* brasileiro, reconheceu a importância dessas torcidas e da presença de homossexuais nos estádios de futebol, pois, usando os termos de Souza (2013), tais ações representariam “exemplos de performances simbólicas [que] contam como eventos confrontacionais, na medida em que adquirem aspecto de desafio à ordem cultural e política (SOUZA, 2013, p. 110)”.

As trajetórias das torcidas gays, que se propuseram a enfrentar a homofobia por meio da reivindicação do direito de torcer e pela apropriação da identidade torcedores, construíram possibilidades alternativas de se fazer ativismo LGBT, alcançando os estádios de futebol e os espaços em que se discute e vivencia o jogo, assim, marcando

¹⁹ Coluna “Ponta de Lança”. (14/10/1979). Jornal dos Sports, nº13517, p.5.

²⁰ A reportagem “Torcidas gays resistem à homofobia nos estádios de futebol”, feita pelo “Brasil de Fato” trata de tentativas de recriação da FlaGay em meados da década de 1990 e no ano de 2003. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2016/04/14/torcidas-gays-resistem-a-homofobia-nos-estadios-de-futebol/>, Acesso em 02/10/2017.

também seus nomes na história do futebol brasileiro, constituindo-se em atores importantes do período que ficou conhecido como “República do Futebol”.

Referências

BORRILLO, Daniel. (2010). **Homofobia: história e crítica de um preconceito**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

DAMO, Arlei. S. (1998) **Para o que der e vier: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-Ball Porto Alegre e seus torcedores**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

FACCHINI, Regina. “Sopa de Letrinhas”? – **Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90: um estudo a partir da cidade de São Paulo**. (2002). Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Departamento de Antropologia do IFCH, UNICAMP, Campinas, SP, 2002.

FLORENZANO, José Paulo. “Dictatorship, Re-Democratisation and Brazilian Football in the 1970s and 1980s”. In: FONTES, P.; HOLLANDA, B. B. (Orgs). (2014). **The Country of Football: Politics, Popular Culture, and the Beautiful Game in Brazil**. (p. 147-166). London: Hurst & Company, 2014.

FRY, Peter; MACRAE, Edward M. (1985). **O que é homossexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

GERCHMANN, Leo. (2014). **Coligay: Tricolor e de todas as cores**. Porto Alegre: Libretos, 2014.

MACRAE, Edward. (1990) **A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da abertura**. Campinas/São Paulo: UNICAMP, 1990.

PINTO, Maurício Rodrigues. **Pelo direito de torcer: das torcidas gays aos movimentos de torcedores contrários ao machismo e à homofobia no futebol**. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Mudança Social e Participação Política da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo, 2017.

SILVA, G. C. **Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista: entre a proibição e a regulamentação (1965-1983)**. Dissertação (Mestrado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

SOUZA, Rafael de. “Saindo do Gueto”: **o movimento homossexual no Brasil da abertura, 1978–1982**. (2013). Dissertação (Mestrado em Sociologia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.



TREVISAN, João Silvério. (2000). **Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

Jornais e revistas consultados:

“Para o que der e vier”. (27/05/1977). *Revista Placar*, n° 370.

“Gente”. (01/06/1977). *Revista Veja*, n° 456, p. 70.

“Um gay power a brasileira”. (24/08/1977). *Revista Veja*, n° 468, p.66.

“O grito (alegre) da Coligay ajudou o Grêmio a ser campeão”. (02/10/1977). *Zero Hora*, p.50.

“Torcida deslumbrará domingo no Mário Filho”. (07/10/1979). *Jornal dos Sports*, n°13510, p. 7.

“Bola no Chão”. (12/10/1979). *Jornal dos Sports*, n°13515, p.5.

“Márcio pede proteção contra a FlaGay”. (13/10/1979). *Jornal dos Sports*, n°13516, p. 5.

“Bate Bola”. (14/10/1979). *Jornal dos Sports*, n°13517, p.2.

“Bola no Chão”. (14/10/1979). *Jornal dos Sports*, n°13517, p.5.

“Ponta de Lança”. (14/10/1979). *Jornal dos Sports*, n°13517, p.5.

“FlaGay é problema social”. (14/10/1979). *Jornal dos Sports*, n°13517, p. 5.

“Márcio: Isto só pode ser praga da FlaGay”. (15/10/1979). *Jornal dos Sports*, n°13518, p.1.



“Bate Bola”. (02/11/1979). *Jornal dos Sports*, nº15336, p.2.

“Os *gueis* do Flamengo e a bixórdia do Sr. Braga - 1) Uma carta aberta...”. (novembro de 1979). *Lampião da Esquina*, nº18, p. 9.

“Os *gueis* do Flamengo e a bixórdia do Sr. Braga - 2) ... E alguns conselhos”. (novembro de 1979). *Lampião da Esquina*, nº18, p. 9.

FlaGay’s “prague” and the gay “desbunde” in brazilian football

Abstract: This article aims to analyze the gay soccer fans public visibility in Brazilian soccer in the late 1970s. These soccer supporters appear alongside other cultural and political manifestations that shaped the Brazilian homosexual movement. Coligay's trajectory, the first gay football supporters to be present in Brazilian stadium grandstands, and a closer analysis of the controversy around FlaGay, Flamengo's gay crowd, who announced its debut in October 1979 and had its access to the stadium prevented, are going to be presented. To understand this mobilization contrary to FlaGay we analyze reports produced by “Jornal dos Sports”, the main sports newspaper of Rio de Janeiro at the time, which contributed to the construction of a stereotyped view of the fans. As a counterpoint, articles published by “Lampião da Esquina”, an important independent newspaper produced by intellectuals and activists of the Brazilian homosexual movement against homophobia in Brazilian soccer, have been analyzed.

Keywords: Gay Football Supporters; Coligay; FlaGay; Journal of Sports; Lampião da Esquina.

Recebido em: 01/10/2018

Aceito em: 23/11/2018